

APRESENTAÇÃO

O vol. 20, nº 2 da revista *Em Tese* traz como tema para o dossiê: “**LITERATURA E VIOLÊNCIA**”. A questão da violência, em épocas e configurações distintas, sempre esteve presente não só nas diferentes expressões artísticas, como tem especial destaque na literatura. Diríamos que há uma intimidade muito profunda entre elas. É nesse sentido que os entrevistados desta edição, Georg Otte e Jacyntho Brandão, afirmam, respectivamente, que “a literatura tem um inegável fascínio pela violência” e que “a verdade é que a poesia [pensar em literatura aqui] sempre gostou de temas assim [sexo, crime, violência]. Coisas comuns não têm graça para a poesia. Seria muito chata uma literatura sobre coisas comuns.”

Cada época, com seu espírito, dá à violência e as suas abordagens os tons necessários que, por sua vez, se disseminam e se misturam, legando *traços* na comunicação com os diferentes tempos. É nesse sentido que vemos, como aponta Jacyntho Brandão, uma violência terrível ser apresentada na literatura clássica, como uma mãe matando o filho, em Medéia, ou o filho matando o pai, em Édipo, mas esse grau de violência extrema, ao mesmo tempo, significa também a perfeição de tais personagens. Se nesse tempo a violência é um traço de perfeição comum entre homens e deuses, nos tempos em que vivemos ela passa por um processo de espetacularização intenso ou, como afirma Georg Otte na entrevista, uma espécie de “pornografia da violência”.





Reflete-se aqui nesta edição sobretudo acerca da literatura do século XX, esta época marcada por catástrofes e conflitos armados os mais diversos e incompreensíveis, e deste princípio de século XXI. Se houve um tempo em que, na literatura e na vida, louvava-se a violência, a literatura pensada e escrita no último século assumiu uma postura, digamos, reflexiva diante do fato da violência que, sendo um “lado humano”, ou melhor, um traço de humanidade, é característica imprescindível do Homem. Não nos sendo lícito, tampouco sensato, eliminar a violência, uma vez que é traço de humanidade. Resta-nos, a nós, críticos, poetas, artistas, pensar a violência, refletir, na literatura, nas artes em geral, codificá-la, portanto, e ensaiar compreendê-la. Ainda que tratemos com o impossível.

Nessa perspectiva, o **Dossiê** traz o artigo “O silêncio trágico do sertão”, de João Batista Santiago Sobrinho, neste texto, vemos uma inusitada investida no romance rosiano, inusitada por aproximar o sertão rosiano da invasão dos *gadgets* contemporâneos, mas também por explorar o silêncio trágico, ou, como afirma o autor, o “desejo de traduzir o silêncio do impossível que é o trasladar de um corpo por intermédio das palavras”. Cristiane Ribeiro Côrtes, com o texto “Violência, silenciamento, literatura: a experiência do fora e a denúncia da realidade”, discute o conceito de “fora”, de Maurice Blanchot, em Herta Müller e Ítalo Calvino, e explora as dificuldades de lidar com os processos traumáticos no campo da linguagem. No artigo “Um retrato da guerra e o estado de

exceção no romance *Um homem: Klaus Klump*, Maria Isabel Bordini explora o tratamento ambivalente da guerra no romance de Gonçalo M. Tavares, no romance, a guerra é tomada simultaneamente como fenômeno da natureza e como fenômeno histórico. Wesley Thales de Almeida Rocha traz o artigo “As paixões espúrias: subversão e negatividade em *A luta corporal*, de Ferreira Gullar”, artigo cujo teor parte do rompimento, por parte do poeta, com o poema “fechado” e chega a uma “desarticulação da linguagem” e que, segundo o autor e o poeta, seria também reflexo de uma “desarticulação entre os homens”. Em “Opressão, poder e libertação em *São Bernardo*, de Graciliano Ramos”, Carolina Izabela Dutra

Miranda, tendo respaldo nos estudos de Foucault e Adorno, principalmente, investiga os recursos ficcionais empregados no trato da espoliação e da reificação do sistema capitalista. Por fim, Josué Godinho, com o texto “Meu tio o Iauaretê e a experiência abissal”, abre um diálogo com Derrida na análise da violência que surge da dissolução dos limites entre o humano e o animal.

Extraordinariamente, a seção **Ensino e Teoria** não conta com artigos neste número.

A seção **Crítica Literária, outras Artes e Mídias** traz o trabalho “O fantástico linguístico de ‘É de confundir!’ e






sua relação com Robbe-Grillet”, de Ana Luíza Duarte de Brito Drummond, que analisa aspectos do fantástico no conto “É de confundir!”, de Auguste Villiers de l’Isle-Adam, e sua relação com o escritor contemporâneo Alain Robbe-Grillet. Já Nicolle Lemos de Almeida Pinheiro, com o artigo “Cinema, Literatura e Dialogismo: as relações entre a obra shakespeariana *Romeu e Julieta* e o filme *Cartas para Julieta*”, propõe analisar, através do conceito de dialogismo proposto por Mikhail Bakhtin, como podem ser construídas as relações intertextuais presentes entre as esferas da literatura e do cinema. Rodrigo Pires Paula e seu trabalho “A contranarrativa de Joel Rufino dos Santos e o mito da nação” trazem o romance histórico *Zumbi*, de Joel Rufino, como

uma contranarrativa da nação brasileira que busca ressaltar a personagem Zumbi dos Palmares, que passa de vilão da nossa História, aos olhos de uma sociedade escravocrata e patriarcal a herói da Literatura. Por fim, Talita Alves, com o artigo “The two faces of a myth: the Frankenstein myth and its mythological heritage”, faz uma aproximação entre *Frankenstein*, de Mary Shelley, e outros mitos, como o de Prometeu e a história cristã da criação e queda dos homens através do épico *Paraíso Perdido*, de John Milton.

Na seção **Tradução e Edição**, Gustavo Frade apresenta “Dez poemas de Matsuo Bashô”, traduzidos diretamente do japonês, precedidos de uma introdução ao haikai.



Na seção **Em Tese**, Glaura Cardoso Vale demonstra como os romances iniciais de Antonio Lobo Antunes se apropriam do contexto da Guerra Colonial com material para uma escrita como resistência. Em “A forma objetiva de Canaã”, Barbara Del Rio expõe como os elementos externos a obra se tornam parte da estrutura interna do romance. Flávia Almeida Resende aborda uma peça do Teatro Vertigem, *Apocalypse 1.11*, propondo uma leitura que interprete as performances experimentais como, também, atitudes políticas. Já Miriam Piedade Andrade procura evidenciar as influências de John Milton sobre a produção literária de Machado de Assis. E, por fim, Fabrício Paiva Araújo procura identificar a dificuldade de adaptação de ex-combatentes na Guerra

Fria ao retornar para seu país de origem: Estados Unidos da América. Para tanto, foram selecionadas duas narrativas sobre o momento: *Paco Story*, de Larry Heinemann, e *Born on the Fourth of July*, de Ron Kovic.

Em **Entrevistas**, Ewerton Martins Ribeiro, jornalista e mestrando em Literatura Brasileira pela UFMG, estabelece um interessante diálogo ao unir, em uma espécie de bate-bola, as entrevistas que fez com os professores Georg Otte e Jacyntho Lins Brandão sobre “Literatura e Violência”. A prosa, violenta, rendeu bons frutos não só sobre literatura, mas sobre tudo, ou quase tudo, por onde perpassa a violência.

Em **Resenhas**, Rafael Fava Belúzio apresenta o livro de poemas *Formas do nada*, de Paulo Henriques Britto, conjunto de poemas lançado em 2012 e indicado para o Prêmio Portugal Telecom. Flávia Almeida Vieira Resende apresenta *O arquivo e o repertório – performance e memória cultural nas Américas*, de Diana Taylor, premiado livro publicado pela Editora da UFMG em 2013.

Finalmente, na seção **Poéticas**, contamos com os textos literários “Poemas porrada”, de César G., os “Quatro movimentos com Mineirinho, de Clarice Lispector”, escritos por Maraíza Labanca, Erick Gontijo Costa, João Rocha e Julia Panadés. Já o poeta iraniano Mohsen Emadi, traz o seu vídeo

El poema feito a partir de seu poema homônimo que também trazemos na versão original e em uma tradução para o português. No campo das artes plásticas, apresentamos a série de desenhos “Sobre a violência cultivada no jardim”, de Rodrigo Freitas, que trabalha algumas formas veladas da violência, e alguns quadros da série “Sobre instintos”, de Wagner Willian, que nos colocam face a uma humanidade animal. É também de Wagner Willian a imagem que estampa a capa desta edição.





Boa leitura!

Cleber Araújo Cabral

Felipe Oliveira de Paula

Gustavo Cerqueira Guimarães

João Alves Rocha Neto

Josué Borges de Araújo Godinho